



POR QUE EXPLICAR O DESEJO? O SALTO QUALITATIVO DE JUDITH BUTLER.

*Ingrid Bastos Dourado*¹
Universidade Estadual de Goiás
Formosa, Goiás, Brasil
ingriddias1618@hotmail.com

Resumo: O presente trabalho irá discutir a heterossexualidade como categoria que tem sido utilizada na sociedade como pressuposto fundamental a uma vida “normal”. Aborda a forma como Pedro Almodóvar soluciona a encruzilhada em *La Piel que Habito* (2011) sua maneira peculiar para resolver problemas ocorridos na narrativa, sua pertinente inspiração e adaptação do livro de Thierry Jonquet- Tarântula.

Palavras- chave: Heterossexualidade; corpo; desejo; *A Pele que Habito*.

A Descentralização Das Normas Impostas Ao Comportamento E À Sexualidade

“As pessoas e os grupos sociais têm o direito a ser iguais quando a diferença os inferioriza, e o direito de ser diferente quando a igualdade os descaracteriza.”
Boaventura de Souza Santos.

¹ Graduada pela Universidade Estadual de Goiás. Unidade universitária de Formosa.

Há um jogo que formula a estrutura e o *status quo* de identidade na sociedade, uma situação vigente que “existe” e se funda na representação estabelecida do sexo e do gênero como categorias fixas e imutáveis. A sexualidade vem incorporada em uma rede de discursos culturais que se comprometem em reciprocidade com um jogo de poder que tende a deslocar quaisquer possibilidades de uma reconstrução da maneira como foi apregoada da noção de sexo, desejo e gênero. Dessa forma, “a tarefa é justamente formular no interior dessa estrutura constituída uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam.”²

Um dos pressupostos que tendem a uma naturalização por parte da sociedade é a noção de gênero, i.e. É visto com frequência como atributo fixo, inerente, intrínseco ao ser humano e, assim, refletor e conseqüente do sexo. Um construto binário social que repercute a tendência cultural de destinar atividades de acordo com o sexo. Em uma análise biológica, poder-se-ia dizer que, o gênero é socialmente construído e o sexo geneticamente determinado. No entanto, Judith Butler problematiza esse discurso dizendo que “talvez o próprio construto do sexo seja tão culturalmente construído como o gênero.”³

O gênero dessa forma traça uma relação de independência do sexo, oferecendo lugar à existência de uma multiplicidade de desejos envolvendo o corpo “masculino” e o “feminino”. Sentimentos/desejos não necessariamente ligados a natureza biológica/corporal do indivíduo, mas sim à revelação individual de espaços subjetivos do “eu”, ora manifestados em práticas cotidianas ou, na maioria das vezes, reprimidos por uma rede de poder que enxerga como problema a desestabilização de uma noção fixa de sexo e da sexualidade. Concepção difundida em toda a cristandade e transferida sob o signo de Adão e Eva, consolidada e legitimada nas instituições como forma de manter a ordem estabelecida. O mito do casal primordial vem como fundamento de uma ordenação natural/divina de um desejo reprodutor e sexual “normal” que se estabelece somente na heterossexualidade. Surgem de forma implícita no discurso de poder que molda a sociedade, uma apatia e um medo do dever de ter de

² Butler, Judith. *Problemas de Gênero, Feminismo: Subversão da identidade e desejo*. Civilização brasileira. 2004 p 22.

³ Id, Ibidem. p 25.

se preocupar em desconstruir e enxergar o “caos”⁴ do mundo que não mais se convence e sustenta na noção binária do masculino e feminino. Diante dessa forma de ver o mundo, o ser humano parece destinado a aprisionar seus mais íntimos desejos a fim de manter “a moral e os bons costumes” estabelecidos no ato da criação. Apesar de todo esse processo que gera tais concepções e para “provocar” sua existência, observa-se um acentuado e crescente desejo por reparação histórica, reconhecimento legal, além de uma motivação a redesenhar ou mesmo desenhar a história, de maneira que, os grupos de orientação sexual diferente da costumeira não sejam visto como estranhos e com intolerância.

“Mulheres, lésbicas ou gays não podem assumir a posição de sujeito falante no interior de um sistema lingüístico da heterossexualidade compulsória. Falar nesse sistema é ser privado da possibilidade de fala, assim simplesmente falar nesse contexto é uma contradição performativa, a afirmação lingüística de um eu que não pode “existir” no interior da linguagem que o afirma.”⁵

A forma menos enquadrada de definir alguém, talvez seja permitindo a manifestação dos desejos. O discurso heterossexual faz nascer uma forma de dominação no interior da própria linguagem. “A linguagem pressupõe e altera seu poder de atuar sobre o real por meio de atos elocutivos que repetidos, tornam-se práticas consolidadas, e finalmente, instituições.”⁶

A base concernente à estabilidade da heterossexualidade é uma negação/recusa do outro para assim encontrar o “eu”. Essa necessidade de contemplar um discurso repetitivo, não tem uma data fixa, é reflexo de um construto preso em uma ligação temporal que se repercute de maneira a manter a ordem nos documentos, no cânone, no âmbito das religiões, na linguagem, enfim, na noção delicada de quase tudo que carregamos em nossa cultura. “Os ecos pelos quais uma sociedade procura determinar o alcance, a lógica e a autoridade de sua voz, vem da retaguarda”⁷. O presente legitima suas identidades pelo passado. Justifica e resignifica o modo de agir contemporâneo. Segundo Richard Miskolci:

⁴ Termo aqui referido de forma ‘irônica’ mediando ressaltar a maneira com que muitos pensam na vontade de emergência dos diversos grupos de orientação sexual. Um verdadeiro caos, desordem e até mesmo coisa desnecessária.

⁵ Butler, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Civilização brasileira 2004. P 168.

⁶ Butler, Judith. *Problema de gênero: Feminismo subversão da identidade e desejo*. Civilização brasileira. 2004 p 169.

⁷ Steiner, George. *O Castelo do Barba Azul, algumas notas para a redefinição de cultura*, Lisboa, Relógio D’Água.1992 [1971].

*Para se construir uma identidade, ela precisa de marcas simbólicas relacionadas a outras identidades “⁸ Nesse sentido, a construção do discurso heterossexual vem como negação não só do discurso homossexual, mas como um desperceber da sua existência. Miskolci reporta a heteronormatividade como: “denominação contemporânea para utilizar o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar a todos para serem heterossexuais ou organizarem sua vida a partir de um modelo supostamente coerente e natural da heterossexualidade”.*⁹

O que concebemos como modernidade tardia, ou pós- modernismo- mais um “estágio” que o homem se impõe- onde quase tudo se torna produto, torna- se perceptível no cotidiano uma agitação e euforia transportando o imaginário a um percurso que materializa o subjetivo nas relações de identidade e o torna à mostra. Criamos desse modo, a necessidade de embasamento para abordar diferentes formas de vê o mundo, ou somente para legitimar o período que, diga- se de passagem, encontra-se bastante conturbado. O estilo de vida inerente a cada homossexual é imaginado cada vez mais de forma estereotipada, estando disponível em todos os níveis de relações. Mídias televisivas, jornais, conversas informais, redes sociais.

No entanto, não se pode bipolarizar a heterossexualidade e a homossexualidade. Ainda que haja um jogo que tende a nos moldar nossas percepções quando tentamos nos representar, não se pode destinar tudo a proibição. “A liberdade de escolha sexual implica a liberdade de expressão dessa escolha. Por isso, eu entendo a liberdade de manifestar ou de não manifestar essa escolha”.¹⁰ Ter de manifestar-se, aliás, pode ser coercitivo, reciprocamente, “o silêncio é reacionário”.¹¹

Nessa perspectiva, a neutralidade diante da vontade pessoal não deixa de ser uma liberdade de escolha, e isso não quer dizer que não haja todo um discurso cultural e de poder impedindo a manifestação de determinado sentimento homossexual. Mas, deve-se ter em vista que ao escolher determinada opção sexual o ser humano está propenso a querer manifestá-la. Com o mundo moderno, nasce um mundo de movimento, um mundo fragmentado, um mundo onde “desenvolve-se toda uma arte da prática sexual, que tenta explorar as diversas possibilidades internas do comportamento sexual.”¹²

⁸ Andrade, Augusto José de Abreu. *Visibilidade gay, cotidiano e Mídia Grupo Arco- íris- consolidação de uma estratégia. Um estudo de caso.* p 57.

⁹ Miskolci, Richard. *Teoria Queer e a questão da diferença: Por uma analítica da normalização* p 6.

¹⁰ Foucault, Michel. *Escola sexual, ato sexual.* Entrevista com (J. O’ Higgins; trad. F. Durant- Bogaert). p 3.

¹¹ José Saramago *In* Cadernos de Lanzarote.

¹² Foucault, Michel. *Escola sexual, ato sexual.* Entrevista com (J. O’ Higgins; trad. F. Durant-Bogaert) p 11.

A despeito de um longo processo envolvendo os diversos grupos GLBTs em busca por visibilidade e aceitação, há certo aprisionamento nessa noção da homossexualidade como distúrbio, como criminalidade e desvio do sexo estabelecido no ato da criação. Há também um ser humano que emerge da categoria demasiadamente recorrente, a heterossexualidade compulsória e, busca uma identidade, um pertencimento a uma noção maior de mundo, a um conviver onde não estejam destinados seus papéis sociais. Estabelece-se dessa forma, a luta pelo espaço de manifestação dos desejos de diversos grupos que não se encaixam nas definições de identidade expostas pela sociedade.

O etéreo sentimento no qual o indivíduo se impõe, é entendê-lo como Ser fragmentável. Entender que seus desejos não são imutáveis. Uma mudança estrutural assola a sociedade do século XX, coloca Stuart Hall evidenciando no trecho abaixo:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuadas e deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a nossa morte, é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do “eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante, e cambiante de identidades possíveis, cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente.¹³

A forma como é legitimada a noção de sexo destina a uma análise superficial do próprio sexo, e até impede a manifestação da orientação sexual de cada indivíduo. A lei vem como produtora de um sujeito, ela por sua vez, oculta a voz desse sujeito e seu estabelecimento na sociedade. Negligencia-se dessa maneira, quem não se reconhece dentro dos padrões pré-estabelecidos de conduta viável. Para Augusto José de Abreu Andrade:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos posicionando- nos como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência daquilo que somos. Podemos inclusive

¹³ Hall, Stuart in identidade cultural na pós- modernidade. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e García Lopez p 13.

*sugeri que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar... os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar.*¹⁴

A recusa diante da questão homossexual se dá na preocupação com a manutenção da ordem, o Estado influenciado culturalmente por esse legado heterossexual nos mostra essa característica. Ainda que os grupos estejam emergindo de forma mais acentuada.

“Assim o poder e normalização é o conjunto da sociedade que coloca constantemente em ação este mecanismo e que, portanto, produz cada vez mais a separação entre normal e anormal, sadio e patológico, o central e o marginal.”¹⁵

O poder, para Foucault, é atributo não só de um sistema maior de instituição, ele se estabelece na dominação do corpo social como idéia de algo hegemônico que se manifesta no próprio corpo do indivíduo com a predestinação a atividades e a regulação de toda uma materialidade no dia-a-dia, no cotidiano.

Em *Microfísica do poder* Foucault expõe sua percepção sobre relação de poder.

Q.C.: Existe um fantasma corporal ao nível das diferentes instituições?
*M.F.: Eu acho que o grande fantasma é a idéia de um corpo social constituído pela universalidade. Ora, não é o consenso vontades que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos.*¹⁶

O corpo é uma situação diria Simone de Beauvoir. Que garantia nós temos de que o sexo é fixo? A própria noção de corpo é uma idealização, “o corpo deve ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e libertadora”.¹⁷

Pedro Almodóvar vem de forma surpreendente em 2011 dialogar com um filme que nos reporta a questões relevantes sobre a fluidez não só do gênero, mas também do sexo. Cineasta envolvido com temática gay estabelece em seu filme “*A Pele que Habito*” um recorte sem tempo cronológico bastante envolvente. Questões como a cirurgia de transformação do sexo por um viés que prende o interlocutor são expostas de

¹⁴ Andrade, Augusto José de Abreu. *Visibilidade Gay, Cotidiano e Mídia: Grupo Arco- Íris- Consolidação de Uma estratégia. Um estudo de caso.* PP 58.

¹⁵ Richard Miskolci. Teoria Queer e a Questão das Diferenças: Por uma analítica da normalização PP 13.

¹⁶ Michel Foucault. Revista Quel Corps- poder e corpo, sobre vigia e puni in *Microfísica do poder*. Julho de 1995 p 83.

¹⁷ Butler, Judith. *Problema de gênero: Feminismo subversão da Identidade e desejo*. Civilização brasileira. 2004 p 32

maneira a abarcar assuntos como: Até aonde a pele que você habita define quem você é? Até que ponto a sexualidade (biológica/ construída) é fixa no ser humano? Onde se encontra a categoria desejo na vida de alguém? O filme chama a atenção para a heteronormatividade compulsória, mostrando que as categorias binárias (homem e mulher) fixaram de tal maneira na sociedade, a ponto do interlocutor levar um choque ao descobrir que a personagem/protagonista que o filme expõe desde o início, é um antigo rapaz. Vicente, que se revoltara por agora ser *Vera*, a válvula dos sonhos e vinganças do médico Robert Ledgard que não se conformara com a morte da filha estuprada por Vicente.

Robert Ledgard é visto como um portador de rancor e sentimento de vingança em *A pele que habito*, onde Antônio Banderas assume o papel de um médico inventor de uma pele, quando inconformado com a morte da mulher queimada, e que acaba por experimentar os resultados de suas pesquisas, utilizando-se de Vicente a fim de obter resultados que interfiram na pele humana de maneira proveitosa.

O cineasta baseia o filme na obra de Thierry Jonquet, *Tarântula*. Narrativa ficcional não cronológica, carregada de um suspense ardoroso onde é retratada detalhadamente a vida-cárcere a qual o Vicente é submetido, após o estupro da filha do médico Richard Ledgard. É feita a mudança de sexo e Vicente, agora Vera, continua vítima da “tarântula”. Almodóvar expõe uma nova problemática onde fica implícita a crítica à heteronormatividade, enquanto que a obra de Thierry Jonquet, *Tarântula*, se detém a expor o sofrimento de Vicente. Não obstante, o filme mostre o Vicente sobrecarregado sofrimento, mas retrate nas entrelinhas algo transcendente.

Que transcendência, quase polêmica, seria essa? O corpo como símbolo de desejo e modificação é algo recorrente nas suas imagens, bem expostas no filme, especialmente quando Vera pratica exercícios para dar forma àquela nova pele. Parece evidente o estranhamento a um corpo diferente, e essa forma de análise permite que o roteiro de Almodóvar não seja simplesmente a narração de uma vingança.

O filme *A pele que habito* traça outras possibilidades de significado e de dimensão psicológica, essencialmente, das noções de vingança, e.g. a busca pelo autoconhecimento através da prática da ioga, a hipótese de uma relação imanente, como no caso dos protagonistas em relação às suas figuras maternas, ou mesmo a banalização no sentido de naturalização, i.e., no relacionamento com o tema a partir do ponto de

vista do sentimento de pertença ou de modo alternativo, a partir da premissa de que nada é natural, da inexistência de um padrão, do que, com frequência, é *classificado* como *tabu*, como é o caso da mudança de sexo, da relação íntima entre paciente/médico ou das diversas dimensões (e disfunções) relacionadas à violência de natureza sexual. Vicente/Vera é descrito como carente de significação para si de sua nova condição física e, também, sugere-se irritação por sua parte por ser utilizado para uma mudança de sexo, algo inconcebível por mãos humanas. Nasce um conflito interior sobrecarregado de hostilidade por está em um corpo diferente, assim como a revolta de Herculine, transexual que foi obrigada a mudar de sexo judicialmente e narra suas angústias em um diário, analisado e repercutido por Michel Foucault. O trecho de Butler exposto abaixo vem de encontro a essa forma de enxergar o mundo, busca-se uma forma de deter padrões de comportamento e revolucioná-los tendo em vista que tudo é construído, não em outra dimensão, mas nessa cultura que está presa em nossos mais íntimos sentimentos.

“A subversão da cultura paternalmente sancionada não pode vir de outra versão da cultura, mas somente do interior recalcado da própria cultura, da heterogeneidade de pulsões que constitui a base oculta da cultura”.¹⁸

Judith Butler vai adiante à tentativa de subversão em que algumas feministas citadas por ela se propõem. A lei paterna que Lacan expõe como recalçamento dos impulsos primários- origina o tabu e o conseqüente conviver na sociedade, formando o simbólico, é criticada de maneira que, a feminista Júlia Kristeva tenta uma subversão que chegue ao campo do semiótico. No entanto, a autora acaba se perdendo, validando o simbólico e jogando o semiótico para o campo do simbólico na medida em que, trata o lesbianismo como anterior a cultura. Desestabilizar essa estrutura construída levaria ao colapso da vida, segundo Kristeva. Judith Butler salta às noções estabelecidas por Kristeva e tem como pressuposto que tudo é construído socialmente, até mesmo a noção de sexo e de gênero.

Foucault fala sobre a lei e a criação dessa conjuntura em que o indivíduo se vincule totalmente a ela, no entanto, ao analisar as narrações do diário de Herculine Foucault se envolve com características subjetivas da vida da protagonista de uma das

¹⁸ Butler, Judith. *Problema de gênero: Feminismo subversão da Identidade e desejo*. Civilização brasileira. 2004 p 130.

mais emocionantes histórias deixadas. Seu diário é elemento que comporta angústia, discursos formulados, controle e regulação sexual, construtos e análises que Herculine fazia da sua vida, suas emoções, prazeres, medos provocados pela recusa da lei que insistia em reger não só a sociedade como um corpo, mas a seus sentimentos e vontades. Foucault tenta analisar o que uma pessoa controlada por essa lei tinha e pensava no seu íntimo. “Ao invés do prazer como causa, significado dos prazeres corporais, ele propõe a sexualidade como sistema histórico aberto e complexo de discurso e poder.” Pode-se dizer, no entanto, que Foucault mesmo reportando ao caso de Herculine, se deleita nas suas emoções, nos seus prazeres corporais. Transita pelo campo do “sexo” não legal.

Para Foucault a noção de sexo tornou possível inverter a relação entre o poder e a sexualidade, fazendo com que a sexualidade ao invés de aparecer com uma relação essencial e positiva com o poder, aparece como algo vigente, a sexualidade como artifício que poder tenta dominar.

No seu diário, Herculine Barbin retrata essa história de ansiedade, medo e amor. Herculine conta a um padre e a um médico seu segredo. Isso revela a natureza dela de pensar que estava contrapondo algo aparentemente dado, seu sexo e a sua sexualidade. Ela é obrigada a se separar de Sara. É coagida a se contentar com um sexo unívoco. Por imposição judiciária Herculine se vê diante da cirurgia de transformação do sexo, se tornando “homem”, portando direitos civis de “homem” na sociedade.

“Mas o que experimentei nenhuma palavra humana poderia exprimir”.¹⁹

A história de Herculine vem ao encontro do filme do Pedro Almodóvar. Na mesma perspectiva, ambas os personagens Herculine e Vicente, (embora uma não se enquadre na categoria fictícia) não aceitam a mudança de sexo porque foi operada no sentido prático da palavra e também da intenção, pela visão e mãos de um homem. O sexo era algo natural instituído por uma ordenação divina, algo superior que já estava dado e que as mãos humanas jamais poderiam ter acesso. Nasce uma revolta, um ressentimento de está em um corpo estranho, o que para Vicente, personagem de Almodóvar era causa de grande conflito. Ambos terminam em morte, Herculine se suicida e Vicente acaba matando o médico Robert para se livrar daquele pesadelo.

¹⁹ Foucault, Michel. **Herculine Barbin: O Diário de um Hermafrodita**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. 1982, p.32

A questão marcante em ambos os casos, Herculine e Vicente real e fictício respectivamente é a categoria de sexo fixo, pré- concebido como foi dado. Herculine podia desfrutar das duas formas que foi dada. Vicente era símbolo de virilidade e juventude. A não aceitação é o marco que caracteriza os dois casos. O desenlace seria produto da conseqüente revolta diante da interferência das mãos humanas em algo fixo e previamente dado, a noção de sexo e sexualidade.

O suspense e as surpresas tomadas em um enredo exigem o conhecimento, ou um interesse específico do gênero e do estilo e caracteriza o filme considerado. A representação pela *performance*, o corpo no interior do enclausuramento, os exercícios de *yoga*, a modelagem do corpo através do plano aproximado. O corpo no nível do plano mostrando- o passível e propulsor de quase todas as cenas do filme.

A película de Almodóvar introduz-se pela ênfase numa mão – e num médico preparando remédios do tipo hormônios. Câmera aproximada sugerindo a percepção da cena como algo principal, fundamental e que deveras interferiria no todo. Algo maior. Essa cena tem sua conclusão quando Marília manda à Vera seu café da manhã.

O corpo de Vera era símbolo de transferência por algo que por anos envolvia o médico, a criação da pele para sua esposa. Almodóvar traça por um lado o rancor que o médico Robert sentia por Vicente, e a preocupação por ele ter se aprisionado a ele no decorrer do tempo.

As imagens do filme dão ênfase num plano aproximado. Os instrumentos médicos são de grande relevância no filme e, a cada cena com ênfase em mostrá- los é indicado algo maior que estará por vir.

O fato de Almodóvar retratar o Vicente deitado registrando o passar do tempo em determinada cena, revela talvez uma tranqüilidade, que se traduz na certeza de um término àquela prisão. O expectador observa àquelas datas inscritas na parede por Vicente ao longo daqueles anos, nos voltando à impressão que, a personagem falava para alguém que o tempo estava passando. Vicente tramava uma vingança maior. Isso se daria no desfecho com término da morte do médico e de sua funcionária por Vicente e a

volta para casa perante o obstáculo de “perder os privilégios culturais”²⁰ diante da aceitação da nova vida.

Para Wittig e Simone de Beauvoir ser mulher é tornar-se mulher. Como esse processo nada tem de fixo, é possível tornar-se alguém que nem a categoria de homem e nem a de mulher conseguem definir.

Por que explicar o desejo como se houvesse “um tipo ideal”, uma normatividade obrigatória que tenha o dever em atender uma heterossexualidade compulsória e se portar a manter os padrões pré- estabelecidos na sociedade?

O desejo é subjetivo. A rede de discurso cultural interligada ao poder, existe, mas não justifica a violência sofrida por vários grupos. A consciência, o olhar para o outro²¹ deve existir. O salto qualitativo de Butler deve ser ressaltado para compreender que não há sexualidade diferente. Nossas noções aparentemente fixas são construtos, não há orientação sexual fixa, correta e apriorística.

Existe a categoria desejo, e essa não depende do corpo, do sexo e nem do gênero. Dessa forma, naturalizando o que é um tabu- as orientações sexuais que não se encaixam aos padrões- certamente teremos uma sociedade mais respeitável.

Referências

ANDRADE, Augusto José de Abreu. Visibilidade gay, cotidiano e Mídia Grupo Arco-íris- consolidação de uma estratégia. Um estudo de caso. p 57.

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero, Feminismo: Subversão da identidade e desejo. Civilização brasileira. 2004 p 22.

FOUCAULT, Michel. Escola sexual, ato sexual. Entrevista com (J. O’ Higgins; trad. F. Durant- Bogaert). p 3.

_____. *Herculine Barbin: O Diário de um Hermafrodita*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982. 1982, p.32

HALL, Stuart in *identidade cultural na pós- modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e García Lopez p 13.

²⁰ Judith Butler se refere a essa frase no seu Livro *feminismo, Subversão da Identidade e Desejo*. A autora afirma que há o medo de muitos indivíduos em perder os privilégios culturais estabelecidos a alguém que vive de maneira heterossexual.

²¹ O outro aqui se refere ao ser humano envolto pela convivência, pelas relações sociais em detrimento de outro estranho e inferior.

MISKOLCI, Richard. Teoria Queer e a questão da diferença: Por uma analítica da normalização p 6.

STEINER, George. O Castelo do Barba Azul, algumas notas para a redefinição de cultura, Lisboa, Relógio D'Água.1992 [1971].